

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL
1902

SUMMARIO

- AULA DE NUMISMATICA DA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA: 161.
UMA FALSIFICAÇÃO MONETARIA: 172.
LUCERNA ROMANA DOS ARREDORES DE SERPA: 175.
ESTUDOS SOBRE TROIA, DE SETUBAL: 176.
MISCELLANEA ARCHEOLOGICA: 180.
ENGENHOS DE PESCA: 188.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 190.
VIDROS ROMANOS DE BEJA: 192.

Este fasciculo vae illustrado com 20 estampas.

MUSEO HISTORICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	_____
Sección	_____
Serie	REVISTAS
Libro n.º	92

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

JULHO DE 1902

N.º 7

Aula de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa

1. Curso do anno lectivo de 1897-1898

O curso d'este anno constou de duas partes principaes:

PARTE I. Numismatica geral.—Nomenclatura; origem da moeda; series numismaticas (classificação), com alguns desenvolvimentos historicos. Bibliographia numismatica.—Serviram de livros de texto: *Numismatica*, do Dr. Salomone Ambrosoli, 1.ª edição, e *Vocabolario dei Numismatici* (1897), do mesmo.

PARTE II. Estudo pratico de algumas moedas da republica romana e do imperio, com varios desenvolvimentos historicos. Auxiliaram este estudo os seguintes livros: *Monete romane* de F. Gnecchi, 1.ª edição, e *Lexique des antiquités romaines* de Cagnat & Goyau, Paris 1895.

Deu-se noticia de diversas moedas romanas achadas em Portugal:

- 1) Em Monsanto e arredores, concelho de Idanha; a summa da respectiva lição foi publicada n-*O Arch. Port.*, IV, 79, pelo alumno Cesar Pires;
- 2) Em Porto de Mós;
- 3) No castello de Dornes,—denario de chumbo da republica; vide *O Arch. Port.*, V, 12.

2. Curso do anno lectivo de 1898-1899

PARTE I.—Preliminares

Definição de Numismatica e objecto d'esta sciencia: cfr. *Elencho das Lições de Numismatica*, VIII, 3 (ou *Arch. Port.*, I, 305). Costuma incluir-se na Numismatica, alem do estudo das moedas, tambem o das medalhas e o de outros objectos monetiformes (contos, etc.). Sem dúbida podem entrar na Numismatica certos objectos monetiformes, por exemplo os *néreaux* franceses medievales (curso fiduciario); mas hoje ha entre

os especialistas tendencia para constituir com o estudo das medalhas uma disciplina especial, a *Medalhistica*, e com o dos contos outra (a esta os Franceses chamam *Jetonistique*)¹. Realmente as medalhas, no sentido proprio, são modernas, datam da epocha do Renascimento (Italia), e destinam-se a commemorar factos historicos; os contos tiveram applicação muito especial (cálculo arithmetico); ao passo que as moedas representam fundamentalmente valores. A distincção é pois justa, mas não é absoluta, pois que as moedas antigas (e ás vezes mesmo as modernas) servem tambem de medalhas, e os contos reproduzem não raro typos monetarios, e tem então em certos casos cabimento ao pé das moedas, pelo menos em appendice ao estudo d'estas.

Divisões da Numismatica em: *geral e especial*. Na Numismatica *especial* entra a Numismatica iberica, de que este anno em parte nos occuparemos.

A Numismatica está actualmente em grande florescimento, como o prova a consideração que lhe dão no ensino público, as sociedades que se occupam d'ella, os periodicos da especialidade, e a actividade que se nota no commercio.

1. Ensino:

a) *Allemanha*. O Dr. Bernhard Pick foi nomeado professor extraordinario de Numismatica na Universidade de Jena: vid. *Monatsblatt der numismatischen Gesellschaft in Wien*, 1896, pag. 350; o mesmo professor fez, no semestre de inverno de 1897-1898, prelecções sobre Mythologia artistica estudada segundo as moedas: vid. *Monatsblatt*, 1897, pag. 139. No Programma da Universidade de Estrasburgo, semestre do verão de 1898, vejo a seguinte noticia: Trämer, *Griechische Numismatik* e *Numismatisches Colloquium*; o mesmo professor, no semestre do verão de 1891, fez exercicios numismaticos, 2.º curso, moedas de Italia; no semestre de inverno de 1891-1892 continuou os mesmos exercicios; no semestre de inverno de 1892-1893, tambem fez exercicios numismaticos, 1.º curso, Numismatica grega.—Ha varias outras universidades em que se professam cursos de Numismatica como nas de Munich, Bonn, etc., ás vezes regidos pelos professores das cadeiras

¹ Cfr.: Engel & Serrure, *Traité de Numismatique du Moyen Âge*, I (1891), p. xxx; F. Guecchi, in *Rivista di Numismatica*, x, 235.

de Historia.—E não é só nas universidades que a Numismatica tem entrada, mas tambem noutros estabelecimentos scientificos (gymnasios, etc.).—Com relação á utilidade que da prática da Numismatica se pôde collôr para o ensino escolar existem varios trabalhos, por exemplo: Shaper, *Antike Münzen als Anschauungsmittel in altsprochlichen und geschichtlichen Unterricht auf den Gymnasien* (Moedas antigas como auxiliares no ensino intuitivo da historia e das linguas antigas nos gymnasios), Magdeburgo 1896, com estampas; Pfeifer, *Antike Münzbilder für den Schulgebrauch* (Figuras de moedas antigas para uso escolar), Winterthur 1895, com estampas e varias indicações bibliographicas; Imhoof-Blumer, *Portraitköpfe auf römischen Münzen der Republik und der Kaiserzeit, für den Schulgebrauch* (Retratos nas moedas romanas da republica e do imperio, para uso das escolas), Leipzig 1892. D'estes trabalhos tenho conhecimento directo, mas podem ver-se outros que vem citados no referido opusculo de Schaper, pag. 1, nota. Cfr. tambem: Dr. Meister, *Münzkunde für Anfänger* (Numismatica para principiantes), Leipzig 1895, livrinho destinado aos estudantes da classe de *tertía*; vid. *Monatsblatt*, 1895, pag. 262.

b) *Austria*. Na Universidade de Vienna tenho noticia de quatro cursos de Numismatica: Dr. Karabacek, sobre Numismatica mahometana, com especial referencia á Metrologia; Dr. Kubitschek, que é ao mesmo tempo conservador do Gabinete Numismatico do Museu Nacional, sobre Numismatica antiga; Dr. Steinherz, introdução á Historia monetaria austriaca; Dr. Landesberger, reforma monetaria austro-hungara: vid. *Monatsblatt*, 1896, pag. 350. Para o semestre de inverno de 1897-1898, o Dr. Kubitschek annunciou um curso elementar de Numismatica grega; e o Dr. Steinherz outro de historia monetaria da Idade-Media (introdução): *loc. cit.*, 1897, pag. 139.—Na Universidade de Graz, o Dr. Pichler annunciou, para o semestre de inverno de 1897-1898, prelecções sobre moedagem atheniense.—Sobre as numerosas collecções numismaticas que existem nas escolas medias (especie de escolas primarias superiores) da Austria em 1896-1897, vid. o cit. *Monatsblatt*, 1897, pag. 144; e cfr. tambem a pag. 93 um artigo sobre o problema da adopção escolar da Numismatica nas referidas escolas.

c) *Suiza*. Na Universidade de Zürich, o Dr. Stückelberg rege uma cadeira de Numismatica. O mesmo professor é auctor de um bom tratado da disciplina que professa.

d) *França*. Na Sorbona, em Paris, fez, em 1894, o Dr. Th. Reinach um curso de «Historia da Grecia estudada pelas moedas»: vid. *Bulletin de Numismatique*, II, 130.

e) *Italia*. O Dr. Ambrosoli rege um curso de Numismática na cidade de Milão.

f) *Espanha*. Na Escola Diplomática, em Madrid, rege um curso de Numismática o professor Rada y Delgado. Corre impresso um programma d'este curso.

2. Sociedades.

Sem se poder, nem ser preciso, indicar todas as Sociedades que ha de Numismática, indicam-se porém algumas: Sociedade Numismática de Berlim; Sociedade Numismática, de Dresde; Sociedade Numismática, de Vienna; Club dos Amigos das Moedas e Medalhas, de Vienna; Sociedade Suíça de Numismática; Sociedade Francesa de Numismática; Sociedade de Numismática Belga; Sociedade Numismática Italiana. Até em Portugal já existiu um Centro de Numismática (cfr. *O Arch. Port.*, I, 303), que teve porém a vida das rosas. Muitas das sociedades mencionadas publicam revistas ou boletins especiaes.

3. Periodicos.

Mostraram-se nas aulas exemplares dos seguintes periodicos:

Bulletin de Numismatique, de Paris;

Gazette Numismatique, de Paris;

Gazette Numismatique (La), de Bruxellas;

Journal International d'Archéologie Numismatique, de Athenas, com artigos em grego moderno, em allemão e em francês;

Monatsblatt der Numismatischen Gesellschaft, de Vienna de Austria;

Numismatic Circular, de Londres;

Numismatisches Literatur-Blatt, de Breslau;

Numismatische Zeitschrift, de Vienna de Austria;

Revue Belge de Numismatique, de Bruxellas;

Revue Suisse de Numismatique, de Genebra;

Revue Numismatique, de Paris;

e algumas separatas da *Rivista Italiana di Numismatica*.

Em algumas d'estas revistas domina exclusivamente ou predomina a Numismática antiga; noutras predomina a medieval e a moderna; o *Numismatic Circular* e a *Gazette Numismatique*, de Bruxellas, são principalmente destinados a estabelecerem relações commerciaes; a *Gazette Numismatique* de Paris tem sobre tudo caracter artistico; o *Numismatisches Literatur-Blatt* é, como o titulo diz, exclusivamente bibliographico.

Alem d'estas revistas especiaes, ha muitas de archeologia em que a Numismática tem entrada.

4. Actividade commercial.

Constantemente recebo catalogos de commerciantes numismaticos de diversos paizes. Eis aqui os nomes de alguns d'estes commerciantes:

- Jacobo Hirsch—Munich.
 Ernest Boudreau—Paris.
 Charles Dupriez—Bruxellas.
 Rodolfo Ratto—Genova (Italia).
 C. Theodore Bom—Amsterdam.
 Maria Guilhermina de Jesus—Lisboa.
 Raymond Serrure—Paris.
 A. Weyl—Berlim.
 G. Morchio—Veneza.
 J. Schulman—Amersfoort.
 Spink Son's—Londres.
 Zschiesche Köder—Leipzig.
 Dr. Eugen Merzbacher—Munich.

Nomenclatura e exercicios numismaticos: a este objecto foram consagradas oito lições. Para estudo da nomenclatura numismatica serviu de guia o meu *Elencho das Lições de Numismatica*, fasciculo 1, com augmentos e correções.

PARTE II.—Moedas ibericas

Bibliographia especial: *Monnaies Antiques de l'Espagne [et du Portugal]*, por A. Heiss, Paris 1860; *La Arqueologia de España [y Portugal]*, por E. Hübner, Barcelona 1888; *Monumenta Linguae Ibericae*, pelo mesmo, Berlim 1893; *Indicador de la Numismática española* (i. é, hispánica), por Campaner y Fuertes, Madrid-Barcelona 1891.

Noticia dos povos antigos da Iberia (Phenicios, Gregos, Ligures, Celtas e Carthagineses). Epoca romana: divisão da Hispania em Citerior e Ulterior.

Grupos das moedas ibericas:

- I. Moedas gregas. Sec. IV—III A. C.
- II. Moedas dos Barquidas. Sec. III A. C.
- III. Moedas com caracteres phenicios (punicos). Sec. III A. C.
- IV. Moedas com letreiros libyphenicios.
- V. Moedas romano-ibericas (com letreiros ibericos). Sec. III A. C.
- VI. Moedas latinas. Sec. I A. C.

Estudámos algumas moedas da Hispania Citerior: Rhoda, Emporias, Ausa, Ilerda, Ilergetes, Dertosa, Celsa, Caesar Augusta, Ilduqith, Osicerda, Sagunto, Saetabis, Osca, Cascanto, Turiaso, Clunia, Aregrada, Bilbilis, Segobriga, Ergavica, Carthago-Nova, Valentia, Ilici, Contrebia, Aeci; e da Hispania Ulterior: Obulco, Carbula, Bora, Ilurco, Ventippo, Urso; e deu-se noticia das moedas punicò-phenicias do Sul da Iberia, e das moedas da Lusitania.

Drachma de Emporias existente no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fig. 1.^a):



Fig. 1.^a — Emporias

no anverso, cabeça de Arethusa, de brincos e collar, voltada para a direita, entre tres peixes, dois adiante, que se defrontam, e um detrás da nuca; no reverso, o Pegaso, a galope, voltado para a direita, com este letreiro por baixo: ΕΜΠΟΡΙΤΩΝ, genetivo de *Ἐμπορίται* = *Emporitani*, «habitantes de Emporias (hoje Ampurias)», na região dos Indigetes.

O nome latino *Indigetes*, como o grego *Ἰνδύγῆται* e *Ἐνδύγῆται* traduz o nome local *Untescn* = $\uparrow N \Upsilon < S < N$, que se lê nas moedas, por exemplo, neste exemplar de um asse do Gabinete da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fig. 2.^a):



Fig. 2.^a — Indigetes

no anverso, cabeça de Minerva, com capacete emplumado, voltada á direita, e um vaso detrás da nuca; no reverso, dentro de um circuito de traço continuo, o Pegaso a galope á direita, cuja cabeça é formada por uma figura assentada, estando uma coroa por cima, no campo, e em baixo o referido letreiro iberico. Este exemplar differe do que vem em Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne*, est. IV, n.º 39, em não

ter letras adeante da boca e do pescoço da figura de Minerva (letras que nunca houve no nosso exemplar).

A comparação do latim *Indigetes* e grego *Ἰνδογῆται* ou *Ἐνδογῆται* com o iberico *Untescu* ou *Untescen*, que também se encontra, e onde devem supprir-se algumas vogaes, mostra-nos qual era a maneira pela qual os antigos representavam os nomes dos povos barbaros, nomes difficéis de pronunciar, como alguns auctores gregos-romanos mesmo por vezes dizem. Factos semelhantes se encontram nas linguas modernas: os Franceses, por exemplo, chamam *Sⁱ Ubes* á nossa cidade de *Setubal*, e nós chamamos *Napoles* á cidade que os italianos chamam *Napoli* e os francezes *Naples*. Cada povo afeiçoa ao caracter da propria lingua as palavras das linguas estranhas. Com relação ao *Untescen*, havia ainda para os romanos a palavra *indiges*, plural *indigetes*, que significa «nacional», e era também nome de divindade, palavra que existia na lingua commun, e que por isso contribuiria para que a iberica se alterasse na boca d'elles d'aquella maneira. Não sei se já a ultima explicação occorreria a alguem. Temos neste facto também uma amostra do processo que se tem seguido para a decifração do famoso alphabeto iberico, pois nessa palavra se buscou interpretar pelo onomastico transmittido pelos auctores antigos o valor attribuido a certas letras indigenas pela comparação alphabetologica. A terminação iberica *-cen*, que se nota no nome citado, e que corresponde á latina *-tes*, encontra-se também, como veremos, em *Iltrcescen*, e a esta palavra corresponde igualmente *-tes* na transcripção latina — *Ilergetes*.

Na região dos Ilergetes estudámos varias moedas. Aqui ficava *Ilerda*, hoje *Lerida*; o seu nome indigena era *Iltrd*, como se lê nas moedas. Eis os desenhos de duas de cobre que existem na Bibliotheca Nacional de Lisboa (figs. 3.^a e 4.^a):



Figs. 3.^a e 4.^a — *Ilerda*

Estas moedas, uma indigena, outra latina, são muito interessantes, pois que uma corresponde á outra: á cabeça barbara, de deus ou de chefe, naquella, corresponde nesta a cabeça de Augusto (com legenda, de que se lê parte:IMP A); á loba, com legenda ibérica na primeira, corresponde outra loba, com legenda latina, na segunda: é evidente que uma legenda traduz a outra. Os caracteres ibéricos são 𐌃 𐌆 𐌚 𐌛 𐌜, que dizem *Iltrd*; esta palavra não differe muito de *Ilerda*, se subentendermos junto das consoantes as vogaes que facilmente nesta escriptura se subentendem, como também na semítica, com a qual se relaciona intimamente a ibérica. Eis assim outro exemplo do processo seguido na decifração dos caracteres ibéricos, e este exemplo é mais importante ainda do que o citado acima com relação aos *Indigetes*, pois ahí só tínhamos a auxiliar-nos o onomástico e a comparação alphabetologica, e aqui temos, além d'estes dois auxiliares, também a disposição das figuras e legendas nas moedas, o que nos prova sem dúvida alguma que *Iltrd* era *Ilerda*. Com o restabelecimento de certas vogaes vemos que a differença que existe entre *Ilerda*, *Ilergetes* e *Indigetes*, de um lado, e as respectivas transcripções ibéricas, do outro, não é tamanha, como, apesar do que fica dito, poderá parecer. Vejamos:

𐌃	𐌆	𐌚	𐌛	𐌜
i	l(e)	t	r	d(a)
				d(e)

Em *iletrde* ou *iletrda* havia para os romanos o grupo de letras não natural *trd*, que tinha de ser destruído, o que aconteceu pela syncope ou supressão do *t*, facilitada por dissimilação¹, pois que havia outra dental logo adeante; por isso: *Ilerda*.

¹ Em Linguística ou Glottologia diz-se que ha dissimilação, quando, existindo dois sons iguaes ou muito semelhantes numa palavra, se suprime ou modifica, em certas condições, um d'elles; por exemplo, do lat. *rutras* veio o port. *rôdo* (instrumento agrícola); de *aratrum* veio *arado*. O que succede em português succede naturalmente noutras línguas; por exemplo: o prov. *gaurea* vem de *gras-rea*, o prov. *prende* vem de *prendre*; no dialecto de Pavia, *reondo* vem de *rotundus*; o fr. *Bruley* (nome de terra) vem de *Brarei*; o hesp. *Flandes* (tambem em port. ant.) e *Federico* (em port. pop. *Fedrico*) vem respectivamente de *Flandres* (holl. *Vlaanderen*, all. *Flandern*) e de *Frederico* (got. *Friþareika*, all. *Friedrich* ou *Friederich*); o gallego *Xilgorio* vem de *Gregorio*. É ainda pelo mesmo motivo que em português se diz *meulatro*, *vezinho*, *devino*, por *ministro*, *vizinho*, *dicino*. — Não posso desenvolver aqui este assunto, tanto mais que já me tenho occupado d'elle em trabalhos especiaes.

Do mesmo modo:

𐌆 𐌔 𐌚 𐌙 𐌊 𐌱 𐌆 𐌆 𐌆 𐌆
i l(e) t r e s c e n

Isto é: *iletrrescen*, o que dá com a equivalencia entre *g* e *c*, ambas gutturales, e a substituição de *-sce* por *-te*, como no citado exemplo de *Indigetēs*, a forma *iletrgeten* = *iletrgete-n* ou *iletrget-en*, pois que *-n* ou *-en* é mera desinencia, e finalmente *Iletrgetēs* = *Il(e)trgetēs* ou *Il(e)trget-es*, sendo *-s* ou *-es* também mera desinencia. Esta legenda vê-se numa moeda (quadrante) de que existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa; aqui dou o desenho d'ella (fig. 5.^a):



Fig. 5.^a — Ilrgetes

Tal moeda, de que vi um exemplar semelhante no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Paris em 1900, parece estar ainda inédita. A legenda é a das moedas dadas como dos *Ilrgetes*, segundo se pôde ver em Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, n.º 31, e em Heiss, *Monnaies antiques de l'Espagne*, est. X, n.º 1 a 5; com o typo do reverso, meio-Pegaso a galope á direita, cfr. os das moedas de Ausa e outros em Heiss, *ob. cit.*, est. V, etc., e em Hübner, *ob. cit.*, n.º 18, etc.; detrás da nuca da figura do anverso da nossa moeda vêem-se tres pontos, indicação de tres onças = quadrante, como nas moedas romanas.

As moedas de Celsa dão mais um elemento para juntar aos que ficam expostos a respeito do processo scientifico de decifração do alphabeto iberico, sobre o qual tanto se tem escrito, e ás vezes com tanta phantasia. Neste exemplar da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fig. 6.^a):



Fig. 6.^a — Celsa

lê-se no reverso, debaixo do cavalleiro: < ʌ ʌ ʌ ʌ, o que sem grande difficuldade se pôde interpretar por *celsa*, pois a primeira letra é bem

semelhante ao *C*, a segunda é igual ao lambda ($\Lambda = L$), a terceira é semelhante ao *S*, e a quarta ao *E*. A palavra indigena *Celae* foi pelos romanos interpretada como *Celae*, com a mudança de *-e* em *-a*, segundo os hábitos da lingua latina, do mesmo modo que nós dizemos *Mancha* em vez do francês *Manche*. Esta interpretação, a que se chegou pela simplez comparação alphabetologica, é plenamente confirmada por outra moeda, de que também aqui se dá um desenho, segundo um exemplar da nossa Bibliotheca Nacional (fig. 7.^a):

Fig. 7.^a — Celae

Ahi se vê no reverso a mesma legenda indigena, e no anverso as letras CEL, abreviatura da palavra *CELae*, e traducção da primeira legenda: logo, não pôde ser mais completa a demonstração.

Foi procedendo d'esta maneira, que pouco a pouco se decifraram no seu conjunto os alphabetos ibéricos, taes como elles se acham expostos nos *Monumenta linguae Ibericae*, de Hübner, em que se reúnem, coordenam e criticam todas as investigações anteriormente feitas a tal proposito. Processo analogo se tem applicado á decifração de outros alphabetos antigos, de que só nos restam inscrições monetarias, lapidares ou semelhantes. A decifração dos alphabetos da Hispania constitue porém só meio caminho andado para a solução do problema ibérico; pois falta ainda interpretar e classificar as linguas que lhes correspondem. São assuntos diferentes, que muita gente se apraz erroneamente em confundir.

A proposito das moedas de Caesaraugusta ministraram-se algumas noticias sobre o estabelecimento das colonias entre os romanos, pois Augusto enviou para lá (*deduxit*) uma colonia de soldados das legiões IV, V e X, algarismos que se lêem nas moedas. Symbolos monetarios: bois jungidos, boi infulado ou mitrado, sacerdote com a charrua. Duumviros de Caesaraugusta. Como muitas outras vezes acontece, o nome romano *Caesaraugusta* = *Caesar Augusta* substituiu um nome indigena; este era *Salduba*, como se lê nos AA. greeo-romanos, correspondendo-lhe, ao que parece, nas moedas, em caracteres ibéricos, *Saldue*. O nome moderno é *Zaragoza*, que nós escrevemos incorre-

etamente *Saragoça* em vez de *Caragoça*, como d'antes se escrevia. *Zaragoza* não provém directamente, quanto a mim, de *Caesaraugusta*, pois *-sta* não daria em hespanhol *-za*; provém todavia de *Caesaraugustea* ou *Caesaraugustia*, forma em que *-stia*, isto é *-stja*, dava naturalmente em hespanhol *-za*.

Quando tratei das moedas de Clunia citei uma inscripção romana do castello de Porto-de-Mós, que vem imperfeitamente copiada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5238. Em Dezembro de 1897 estive em Porto-de-Mós, e offereceu-se-me occasião de examinar a pedra com todo o cuidado, apesar da difficuldade que tive nisso, pois ella está bastante alta, e foi-me preciso subir lá com uma escada. A inscripção, tal como a li e decalquei, diz:

C S V L P I C I O
P I I L I O · C I L T I F
M I L I T I · C O R T I S
L U S I T A N O R V M
Q V I · O B I T C V L V N I
A I I · I I I C V N A F

Isto é: *C. Sulpicio Pelio, Celti fíliu), militi cortis Lusitanorum, qui obit Culuniae. Ei Cuna fecit*. Tenho idéa que Hübner, a quem enviei cópia da inscripção, discordava da interpretação que apresento da última parte (não encontro agora a carta d'elle, para verificar), mas creio não haver dúvida na leitura, pois *Cuna* é nome conhecido: vid. Holder, *Altcelt. Sprachschatz*, s. v.; pelo que toca á formula *ei fecit*, cfr. por exemplo *ei posuerunt parentes* no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3243, e *ei posuit*, ib., ib., 3244. Esta inscripção é importante sob varios aspectos: quanto ao latim, apresenta, alem de *cortis* = *cohortis* e *obit* = *obit*, phenomenos nada raros, a forma *Culuniae*, locativo de *Culunio* = *Clunia*, onde se intercalou um *u* no grupo consonantico *cl*, como em latim em *Hercules* (cfr. vocativo *Hercle* e grego *Ἡρῴδης*); quanto á historia, menciona-se ali uma cohorte dos Lusitanos, de que *C. Sulpicius Pelius* era soldado; quanto á ethnologia, temos nella, ao lado do nome *Celti*, os nomes *Pelius* (que noutros documentos coexiste com *Pellius*) e *Cuna*, que parecem de origem celtica¹: sendo *Pelius* filho de uns *Celtus*, palavra que evidentemente contém em si um testemunho dos Celtas, e sendo em verdade *Cuna* parente ou das relações intimas de *Pelius*, não é realmente para estranhar tal origem.

¹ Vid. sobre elles Holder, *ob. cit.*, s. v.

symbolos vem figurados nos n.ºs 2 a 5 da estampa XXVII do volume I da obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, *Descrição geral e historica*, etc.

O exemplar pertence a M. Devegge, residente em Copenhague, conforme se diz em nota mencionada no envolvero que contém o decalque original. Esta moeda foi, provavelmente, obra do autor das moedas a que nos referimos a cima, imaginada para illudir o colleccionador, sempre avido de singularidades não vistas, quando sob o imperio de uma estima illimitada a arrecadasse religiosamente, qualificando-a de *única* no seu catalogo descriptivo, ou em canhenho de apontamentos.

A moeda foi cunhada? ou fundida?

Pela nitidez do decalque parece que a primeira hypothese está em manifesta opposição com a segunda, e a vence.

No campo do anverso as armas do reino tem os dois castellos inferiores obliquamente dispostos. Em cada um dos cinco escudetes, em cruz, ha um só ponto, como em algumas moedas de bolhão de D. Affonso III. Os grupos de quatro arruelas, collocados verticalmente á direita e á esquerda das armas, são ornamentaes. A legenda, que abre e fecha entre cinco arruelas em cruz, é assás desigual. Na palavra ALPHONSVS as letras mantem entre si distancias quasi regulares, porém nos algarismos romanos VI e em D. G. até REX as distancias não são compensadas pelos pontos divisorios. Denuncia-se o buril inexperiente. O effeito é de desolação e tristeza, como quando raras arvores só de longe em longe offerecem doces de sombra na estrada que conduz ao viso da montanha. A coroa real é simples, fechada a traço fino.

No reverso o valor X, a significar *dez réis*, occupa todo o campo. É acompanhado por quatro bezantes nos angulos, dentro de um circulo granulado. Este valor, bem visivel, é de fôrma elegante. A sua grandeza determinaria a das letras PORTVGALLÆ D. G., em cujos intervallos foi seguido o systema já visto na legenda do anverso.

A singularidade principal d'este typo é a data 1629 (S ás avessas para significar 5) entre dois pontos. Estes algarismos, cuja grandeza concorda com a das letras da legenda, dão aspecto barbaro ao conjunto typico. Parece que a febre das grandezas impressionára vivamente a inferioridade artistica do gravador.

Nas orlas de ambas as paginas da moeda o circuito granulado é continuo, completo e nitido, como se tem visto em algumas moedas á flôr do cunho de outros reinados.

É digna de reparo especial a repetição das letras D. G. em ambas as legendas. A *graça de Deus* foi invocada duas vezes, como se fôra senha de passe com que a produção artistica houvesse de caminhar pela via dolorosa das conjecturas até os dominios da sciencia numis-

mática, qualquer que fosse o grau de perfectibilidade a que esta chegasse no futuro.

Na composição d'este producto de phantasia o autor inspirou-se no typo do exemplar de igual valor, cuja figura consta do n.º 9 da estampa XXXVI do volume II da obra citada, fundido na epocha da Regencia do Principe D. Pedro.

Entendemos, por dever de numismata, que era conveniente salvar do esquecimento a noticia d'esta moeda falsa. A sciencia não repugnam casos esporadicos; elles, por vezes, guiam o estudo acêrca de certas aptidões especiaes, que se movimentaram nas lutas pela existencia, lutas assíduas, bravas e intelligentes criminosamente, ou levam ao conhecimento de factos relacionados com a economia social de povos.

Convem que as falsidades monetarias não sejam apreciadas, em principio, apenas como entretenimento, o que seria proprio para encantar sómente os leigos da sciencia.

A numismática, para conhecer, avaliar e julgar, tem de inquirir na luz e nas trevas, e assim corrige, afina e desbrava o caminho em que, de illação em illação, corre para o esplendor do seu desenvolvimento completo.

Á consulta regia de 9 de dezembro de 1642, acêrca da conveniencia de se bater moeda de cobre na falta de trocos para as compras mais humildes, o Senado de Lisboa, em 31 de Janeiro de 1643, respondeu que a moeda se fizesse — *de corte que não fosse tão pequena que dos Reinos estranhos se metesse neste, nem que por grande a fundissem os caldeireiros*. (Aragão, documento n.º 112).

A razão que obsteu á cunhagem de moedas grandes, isto é, de X, devia ter influido no reinado de D. Affonso VI, e, assim, a moeda de que tratamos não foi ensaio monetario. Na aurora d'este reinado, provavelmente, foram cunhados valores de V réis e 3 réis, com typos iguaes aos de D. João IV, em virtude de lei não conhecida, acompanhando a cunhagem da moeda de 1½ real, e com ella formando serie, perdendo esta o qualificativo de falsa, que lhe foi dado na pagina 40 do volume II de Aragão, assim como perden a categoria de unica conhecida. Na collecção do Sr. José Baptista da Fonseca Queiroz, contador do Tribunal de Contas, existe outro exemplar d'este 1½ real, que tem evidentes signaes de gasto, produzido pela circulação. O gasto accusa authenticidade. Antigamente ninguem se entreteria a gastar qualquer moeda, para que ella gozasse de credito e definisse uma ideia especial perante apreciações de futuros especialistas.

Talvez que os valores de V réis e 3 réis de D. Affonso VI tenham apparecido em pesquisas numismaticas, porem, facilmente confundidos

com os de D. João IV, desprezados pelos colleccionadores, por falta de reparo nas legendas, seriam envolvidos e baralhados sem deixar rasto na sucata de cobre, que em Lisboa abundava no tempo dos Lopes Fernandes, dos Lamas, e ainda um pouco posteriormente, corridos inadvertidamente no acto da escolha, cuja rapidez era a sagacidade systematica mais adequada para não fatigar a benevolencia dos caldeireiros, que, alem de serem os causadores do mais detestavel dos ruídos, com que, no bater da obra, encommoavam os moradores da rua Augusta, eram os fornecedores do cobre antigo para collecções.

Nós talvez em tempo commettessemos o nefando crime de mal fundada rejeição. Agora para todos os colleccionadores é tardio o arrependimento acompanhado pela magoa... A sucata de cobre amoeado já não existe.

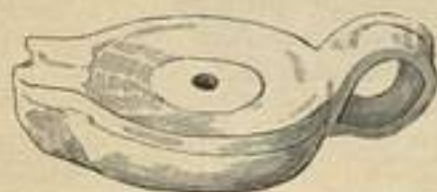
Lisboa, 5 de Junho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Lucerna romana dos arredores de Serpa

A lucerna, de que se dá aqui uma gravura em metade do tamanho natural, executada segundo um desenho do Sr. Jorge Collago, pertence ao Museu Ethnologico Português, ao qual a offereceu o Sr. Manoel Dias Nunes, redactor da *Tradição*, de Serpa.

É de barro amarellado, com toda a superficie desgastada, sem figuras no centro, e só com vestigios de uma pequena ornamentação junto do bico (*αἶψα* — *aypa*), do qual porém só resta metade. Ao centro,



Lucerna romana de Serpa

na parte superior da lucerna, ha um orificio, por onde se lançava o liquido que alimentava a luz. A asa é oval e aberta.

Foi encontrada nas ruínas romanas das Barrosas, vulgò *cidade da Rosa*, de que se fallou n-*O Arch. Port.*, v, 237 sqq. Supponho, pela sua fórma, pertencer ao sec. III ou IV, o que concorda com a data das moedas romanas achadas no mesmo sitio: vide *O Arch. Port.*, *ibid.*, 238.

J. L. DE V.

Estudos sobre Troia, de Setubal

9. Cerâmica romana

Aos objectos descritos n-*O Archeologo*, v, 7, venho juntar a noticia de outros, que encontrei posteriormente em Troia, tão fértil em reliquias archeologicas.



Fig. 1.ª



Fig. 2.ª

Fig. 1.ª Pequena amphora de barro vermelho e grosseiro. Mede 0^m,27 de altura e 0^m,47 de diametro.

Fig. 2.ª Amphora de barro. Mede 1^m,05 de alto, e 0^m,28 de diametro.

Fig. 3.ª Pequeno vaso de barro grosseiro, e de execução muito rudimentar. Tem vestigios de asa. Mede 0^m,14 de altura e 0^m,003 de diametro

Figs. 4.^a e 5.^a Fragmentos de vasos de barro chamado *saguntino*, ornamentados.

Fig. 4.^aFig. 4.^aFig. 5.^a

Fig. 6.^a Vaso de barro vermelho, de forma espherica, tendo na base uma saliencia mamilar. A parte opposta á representada na gravura está

muito damnificada; ainda assim vê-se que a boca era uma simples abertura circular, devendo ter o diametro de 0^m,16 a 0^m,18. Junto da boca encontra-se vestigio de uma asa, semelhante á dos nossos tachos modernos. Mede 1^m,68 de circumferencia.



Fig. 6.ª



Fig. 7.ª



Fig. 8.ª

Figs. 7.ª e 8.ª Fragmentos de fundos de vasos de barro chamado *saguntino*, com marcas. Na 5.ª lê-se BN e na 6.ª IVLI.

10. Utensílios e adornos de cobre

Figs. 1.ª, 2.ª e 3.ª Agulhas de cobre. A 3.ª (completa) mede 0^m,112.

Fig. 4.ª Punção ou escopro de cobre. Mede 0^m,102.

Fig. 5.^a Marca de jogo. É de pedra polida e de forma semi-esférica. Mostra ter sido trabalhada ao torno. Mede 0^m,022 de diametro.

Fig. 6.^a Manipulo de chave pequena. Mede 0^m,03.

Fig. 7.^a Anzol de cobre.

Fig. 8.^a Disco de cobre analogo ao nosso *corta-massas*. Mede 0^m,025 de diametro.

Figs. 9.^a e 10.^a Fragmentos de ganchos de cobre, semelhantes aos actuaes alfinetes de segurança.

Instrumentos cirurgicos:

Fig. 11.^a Sonda. Mede 0^m,053.

Fig. 12.^a Espatula. Mede 0^m,045.

Fig. 13.^a Lanceta. Mede 0^m,026.

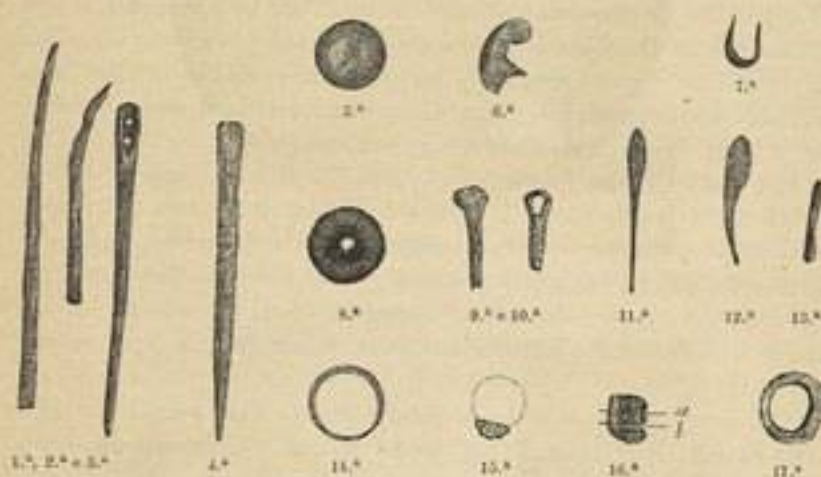


Fig. 14.^a Anel de cobre. Tem a apparencia de lacre preto e produz som metalico sendo percutido.

Fig. 15.^a Anel de cobre com um pedaço de esmalte verde claro, salpicado de pequenas perolas, sobre um delgado filete do mesmo metal.

Fig. 16.^a Fuzil de um colar. Este objecto parece feito de borracha endurecida.

Fig. 17.^a Fuzil de colar. Parece feito de borracha endurecida. Tem dois furos na direcção indicada pelas linhas *a* e *b*, por onde passava o fio que ligava estas peças para firmar o adorno citado.

Setubal 1901.

ARRONCHES JUNQUEIRO.

Miscellanea archeologica

Sob esta rubrica reuno cinco documentos, que se referem a assuntos archeologicos e que vão de 1308 até o seculo XVI.

O primeiro tem relação com o uso de um sello conventual, de que pretendêra apoderar-se o respectivo abbade.

O documento, que se lhe segue, trata da construcção do outão de um edificio de Torres Novas. O termo *outão* é conhecido dos nossos dictionarios e achou emprego em nome de localidades, de que a mais conhecida é a Torre de Outão, junto de Setubal.

O terceiro refere-se á construcção em Randide, depois Rendide, de uma ponte. Este ultimo nome não se encontra no indice do *Diccionario Corographico* de Baptista; só no tomo IV, 794, ha referencia a elle. Felizmente no *Diccionario Geographico*, manuscripto existente no Archivo Nacional e que é formado pelas memorias enviadas em 1758 pelos parochos das freguesias do reino, encontram-se esclarecimentos. Lá se diz, a pag. 637 do vol. XXVIII, que o nome (antigo) da freguesia de S. Pedro da Cadeira (*Cathedra S. Petri*) é Rendide «por quanto a metade da freguesia são tudo casaes de renda». Ingenua etymologia! Mais adiante diz que corre pela freguesia o rio Sizandro, sendo portanto nelle que foi lançada a ponte, a que se refere o documento que vae impresso. Caiu ella com o terremoto de 1755, e para a gente passar tiveram de lhe collocar uns paus, provavelmente para escorar as ruínas¹.

O quarto documento trata de quem competia olhar pelas reparações das muralhas de Mertola. Já aqui tenho publicado diversos documentos sobre aquella villa, sem que esgotasse ainda esse material.

O derradeiro dá denominações de differentes armas de guerra e de torneio.

1. Construcção em Torres Novas no anno de 1308
do outão do Paço Grande

Inome de deus amen. Sabhã quantos este tralado desta carta uirem que Eu Joham dominguit tabaliõ de Torres nouas uj e lij hũa carta

¹ O parochio diz tambem: «Tem junto as areas do mar hũa Ermida de Santa Cruz, a qual he muito antiga e se diz que no dito citio ouve hum templo de hum Idolo, e com effeito fazendosse de novo a Capela se acharão nos alicerces hũa capeteis que mostrão haver naquelle citio Templo grande cuja Ermida he sagrada».

aberta e selada de seelo pendente do onrado dõ Pedro nuniz Abade Dalcobaça da qual carta o tẽor tal he:

Sabhã quantos esta carta uirẽ e leer ouirẽ que Nos ffrey Pedro Abade e o Conuento Dalcobaça damos a uos Steuã gil e a uossa molher Eirẽa uigente hũas nosas Casas cõ sa quijutãã e cõ sas entradas e saidas as quaes auemos en Torres nouas as quaes foram de Gonçale Anes o Clerigo a tal preito e so tal condiçom que uos dedes en cada hũu Ano en paz e en saluo a nos ou ao nosso Celareiro de Torres nouas tres maravedis de Portugal e hũu capõ e doze ouos e uos deuedes a fazer o outom do Pãço grande de pedra e de Cal e cobrilo de madeira e de telha moy bem todo e dereitamente e poerdes hy hũas portas nouas e motalo (sic) moy bem e a outra Casa que iaz di-ribada faxerdela de tufo e de lodo e guarnillas de cal de dentro e de fora e fazedes hũa onbreira qual hy outra see feita e cobrilla de madeira e de telha e põer hy hũas portas das outras nelhas que foram do Pãço e en çima do portal deanteiro põerdes senhos caens e a morte de uos anbos ficarem as ditas Casas cõ todas sas benfeitorias e melhorias mantẽudas asi como de suso dito he liures e cysentas sem contenda nẽhũa aa Ordyn en paz e en saluo e nos e todos nosos socesores obligamos nos per quanto no mundo auemos a aguardar as cousas de suso escritas. En testemõyo destas cousas nos de suso ditos Abade e Conuento damos ende a uos esta carta selada do seelo de m̃y sobre-dito Abade e nos de suso dito Conuento por que seelo proprio nõ auemos ao poimento do seelo de noso Abade louuamos e outorgamos. ffeyta en Alcobaça quinze dias Doutubro. Era de Mil e trezentos e quaraenta e seis.

ffeito este tralado desta carta sete dias de Mayo. Era de Mil e trezentos e quaraenta e sete Anos. T(estemunha)s Joham soariz iuiz Afonso lourenço Mẽde anes. Afonso dominguit Pedro manso e Eu Joham dominguit publico tabaliõ de Torres nouas este tralado desta carta cõ mha mão propia escreuy e meu signal hy puy que tal he $\frac{1}{2}$ ¹

**2. Questões entre o Convento de Oliveira (extincto no século XVI)
e o respectivo abbade sobre a posse do sêllo. 13 de dezembro de 1311**

In nomine domini Amen. Nouerint vniuersi quod cum, coram venerabile uiro domino Gualuao iohannis, Decano ecclesie Bracaraens., Reueren(dissimi) patris domini M. diuina prouidentia eiusdem Archiepiscopi

¹ Archivo Nacional, *Colleção Especial*, caixa 89, n.º 16 bis.

generali vicario, nerteretur questio inter Religiosum virum dominum Martinum dominici, Priorem Mon. de Vluaria, ex parte una et Conuentum ipsius Mon. ex altera super hoc uidelicet: quod dicti Conuentus conquerebantur de dicto priore per eo quod, cum idem Conuentus haberet suum sigillum proprium et dictus prior ipsum sigillum penes se haberet et faceret fieri nomine et consensu ipsius Conuentus per dictum sigillum procuraciones, emplazamenta et alias multas cartas contra uoluntatem ipsius Conuen(tus) ut eodem Conuentum minime requisito; petierunt dictum priorem compellendi per directum ad restituendum eis sigillum suum et quod pronunciaret emplazamenta, facta tempore ipsius prioris, non ualere, cum fuerint facta ipsis irrequisitis et non uocatis et ut dicebant. Tandem quare post multas rationes et tractatus habitos inter eos, quare dictus prior confessus fuit, coram domino Decano vicario supradicto, quod dictus Conuentus consuevit habere sigillum proprium et quod ipse prior idem sigillum penes se habebat, idem Decanus et vicarius in scriptis mandauit per sententiam dicto priorj, quod det in continentj dictum sigillum Conuentus priorj Claustrali Mon. supradicti, ut ipsum apponat in procuracionibus et alijs contractibus seu scripturis ad mandatum Conuentus Mon. memoratj. ffuerunt presentes Vincentius dominici, Martinus dominici, Petrus Martinj, Laurentius stephani, Stephanus martinj, Dominicus petri portales, Canonici (Canōici) Mon. supradicti et plures alij. Ego uero Johannes pelagij, tabellio Bracarens., de permissis quibus rogatus interfui ad instantiam dicti Conuentus, manu propria confeci hoc publicum instrumentum, signo meo signatum in testimonium ueritatis. Actum Bracare. Idus Decembris . Anno domini Millesimo. CCC.^o xj.^o

Jacobus

Johannes

Laurentius

No verso: como os conegos e conuento tinhã selo sobre si cõ que faziã os prazos ¹.

3. Construção de uma ponte em Rendide no anno de 1326

Sabhan todos que ena villa de Torres uedras ssoo Alpende de Martin asymhões Aluazil conuen a ssaber prestumeyro dia de junho era de Mil e trezentos e saseẽta e quatro anos en presença de mjn Domingos de carnyde publyco Tabelliõ del Rey ẽ na dita villa e das

¹ Archivo Nacional, *Colleção Especial*, caixa 89, n.º 23.

t(estemunha)s que adeante sson escritas ffrey Steuã procurador e celareyro do que a orden de Alcobaça a ã Torres nedras e ã seu termho disse e ffrontou ao dito Aluazil que El querya cõprir a carta del Rey que El dise que tijnha sarrada pera fazer as pontes asy ã como ã ela era deuyssado come quer que nõ ffose dreyto protestando que nõ ffose ã seu preuiuzo e que a querya ffazer en esta guysa en rrandidade ena testeyra per hu entesta Alcobaça conuen a ssaber ponte de lageas per tal guysa que sen receo ffosem per ela e que durase nijnste e trynta e quarçeta anos se mester ffose e se caese que a faryra per esta guysa como dito he das quaes cousas o dito ffrey Steuã pydiu a mjn Tabeliõ hã t(estemunh)o Eu deylho, ffeito no dito logo. Ts. Gonçalo moreyra Martin anes das couas Martin Anes Johã uycente procuradores Afonso martins (*sic*) Domjngos Morlao e outros. Eu dito Tabeliõ a esto ffuy este testemujinho screuy e aqui meu signal pugy que tal + e ¹.

4. Reparações das muralhas de Mertola na Idade-Média. Sentença de 4 de abril de 1404, dada em Relação

Dom Joham pela graça de deus Rey de portugal e do Algarue. A todollos Juizes Corregedores e justiça dos nossos Regnos A que esta carta de Sentença for mostrada Saude. Sabede que dante uasquo esteueez chanceler na nossa casa do Çiuel e dante Joham afonso fuisseiro Corregedor por nos Na Çidade de lizboa. A que nos este feito que sse adiante segue cometemos veeo perante nos e os do nosso dessembargo per agrauo. este feito. o qual era. Antre O conçelho e moradores de mertolla. Autor per seu procurador gomez esteueez da hũa parte E o meestre de ssantiago Dom mem rroiz de nasconçellos Reeo da outra per Razom de demanda que lhe o dito conçelho e moradores de mertolla faziam perante Johane meendez ² Corregedor na nossa corte Dizendo Antre as outras cousas Contra o dito meestre e sua ordem que em tempo delRey dom Afonso. Rey que foy destes Reynos de portugal e do Algarue. Auya o dito Rey mujtos djreitos em no dito Regno do Algarue. os quaes eram Reaes e perteeçiam Aa corooa do Reyno E que auendo Asi os ditos djreitos e Rendas como dito he. Que veeo a fazer tal conpossiçam com cada hũa dos meestres que em Aquel tempo eram Que o dito Senhor Rey lhe desse gram parte das ditas Rendas e djreitos que no dito Regno Auia pera Repara-

¹ Archivo Nacional, *Colleção Especial*, caixa 89, n.º 46.

² Este corregedor ainda era vivo em 1434, segundo diz o Sr. Gama Barros, *História da Administração, etc.*, 1, 603.

mento do muro da dita ujlá de mertolla. E deziam que Aauenga fora feita Antre a dita ordem e Meestre e o dito Senhor Rey outorgada e firmada E que o dito Mestre se obrigara a fazer e Repairar por ssi e seus sobcessores os muros da dita villa E que por bem da dita composiçam o dito Meestre que pollo dito tempo era e sua ordem. Cobrou e ouue em ssy gram parte dos direitos e Rendas que o dito Senhor Rey Anija Os quaes aynda oje ha e posuye A dita ordem e el dito Senhor Mestre que ora he E que por bem da dita composiçam os ditos Meestres que foram e a dita ordem foram e som obrigados per as Rendas da dita ordem Repairarem e fazerem os ditos muros E os Repairaram ao depois. E deziam mais que Antre os meestres que guardaram a dita composiçam feita antre o dito Meestre e o dito Senhor Rey. Assi foy dom gil fernandez meestre que foi da dita ordem em tempo delRey dom pedro Rey que foy destes Regnos. E que outrosi o dito Meestre Aas suas proprias despesas sem o dito conçelho lhe dar outra ajuda nem adua mandou Repairar os ditos muros da dita vila e logar de mertola per Steuam do Azinhal que entom era seu Almoxarife em beja. Aa custa do meestre e dos dñheiros que o meestre e a ordem anija E que outrosi antre o dito Senhor Rey dom afonso e a ordem e meestre que entom eram scendo feita a dita composiçam como dito he que foy posta em publica Autentica escriptura e que des entom Ataa ora foy sempre aguardada antre a dita ordem e meestre dela. E que per bem das ditas Rendas que Asi ounerom os ditos Meestres Repairarom os ditos muros e castelo e cerqua da dita vila. Aas suas proprias despesas. E que auendo asi as ditas scripturas e priuyllegios da dita conpossiçam e scendo postas na arca do Conçelho de mertola as quaes eram feitas como dito he Antre os ditos Reis e meestres e a ordem. Em fauor do dito conçelho Que foy Reuolta guerra. Antre estes Regnos e os de castela E que no dito tempo da dita guerra a dita ujlá de mertola foy entrada per castellãos e metuda a Roubo e que no dito tempo os liuros e priuyllegios que a dita vila auja foram todos ou a mayor parte perdudos e que antre os liuros e priuyllegios e scripturas que asi foram perdudas. Asi foy a dita composiçam feita e cellebrada Antre a dita ordem e meestres elles seerem exentos de adua e doutra ajuda darem pera reparamento e refazimento da dita vila. E os ditos meestres obrigados Ao rrefazimento como dito he. E deziam que o dito conçelho per bem do que dito he era em posse e os moradores del. de sogeiçom de seerem exentos e liures do encarrego de Repairarem os ditos muros per vijnte e trijnta e quareenta e çinquenta Anos. e mais per tanto tempo que A memoria dos homeens nom era em contrairo E que outrosi os Repaira-

mentos dos ditos muros per bem do que dito he sempre foram feitos pellos ditos meestres e ordem de santiago e que elles os Repairarom pellos ditos anos e tempos e que desto era publica noz e fama e crreença nos ditos Regnos de portugal e do Algarue Porem pedya o dito conzelho e moradores de mertola. Ao dito corregedor que per sua Sentença defenetjua julgando pronunciasse o dito Mestre e ordem de santiago serem theudos Ao dito Reparamento e construcçom E serem theudos A repararem os ditos muros e cerqua da dita vila Aas suas proprias despesas. E que per essa medes Sentença Asoluesse o dito conzelho e mandasse nom seer theudo a dar ajuda nem Adua. pera os ditos muros e cerqueiro e que dauam este libello e artigosos del o dito conzelho com protestaçom de seu direito. Segundo esto mais compridamente nos ditos artygos e composiçom era contheudo. A qual petiçam foy julgada que tragia direito. e os artigosos dela por perteeçentes. E foy contestada da parte do dito meestre Dom mem Rojz. dela per confissom e dela per negaçom e foy julgado que contestaua que Auondaua. E da parte do dito Meestre foram dados artigosos contrairos em nos quaaes dezya antre as outras cousas que A dita ordem de ssantiago e elle em seu nome ante os outros Meestres que Ante ele foram ouueram e ham Muytos beens e Rendas deles. No Regno do Algarue e que todollos beens ou A mayor parte delles e Rendas delles que a dita ordem e seus meestres no dito Regno ham toda a mayor parte deles foram dados e dotados Aa dita ordem e meestres dela per aqueles que a dita ordem fundarom de começo e dotarom e constituïrom sem nenhũ encarreço. E que todollos bens e Rendas que a dita ordem ha e el Meestre em seu nome no dito Regno que senpre foram eixentos e forros da dita ordem e dela obrigados e aos meestres que da dita ordem pellos tenpos foram de Cento e duzentos anos aa ca e de tanto tenpo que a memoria dos homeens nom he em contraïro e a outro nenhũ nom. E que outrosi os Reys que foram em portugal .s. dom afonso e dom pedro e dom fernando. seendo viuos. e ora nos senpre fezerom e mandarom fazer e Repairar aas suas despesas proprias e dos moradores da dita villa. e per aduas que tomauam e mandauam tomar do dito conzelho os muros e cerqua da dita vylla. de mertolla e do castello della E que ontrosi todollos beens que A dita ordem e el em seu nome ham e em mertolla e em todo ho Regno do algarue: Senpre de Cento anos aa ca e mais de tanto tenpo que a memoria dos homeens nom he em contraïro. foram como som proprios e eixentos e forros da dita ordem e meestres que della foram Rendandoos e leuando a dita ordem e meestres dela os fruytos e nouos e Rendas delles. e apropiando as soamente assy e despenden-

doos no que lhe compria e fazia mester soo em scruiço da dita ordem etc. segundo mais compridamente nos ditos Artigosos era contheudo. Os quaaes Artigosos vistos pello Corregedor julgon que eram de Reçeber e que os Recehya ao dito meestre e que nomeasse a elles testemunhas pera os prouar e foram filhadas Inquiriçoões da hũa e da outra parte e dadas escripturas em ajuda de suas prouas. E estando ho feito em este ponto e visto pello dito vaasco esteneez e Joham Afonso A que ho nos cometeramos. Julgarom que sem embargo das escripturas dadas por parte do meestre que aviam as Inquiriçoões por abertas e publicadas e que ho meestre mostrasse as doaçõões que tijula de mertolla e dos outros beens e terras e Rendas que elle e sua ordem aviam no Regno do Algarue O qual veeo com escripturas das ditas doaçõões E visto o feito pello dito vaasco esteneez e Joham Affonso Julgarom que ho Conçelho e moradores de mertolla prouauam em tanto que sam e deuyam seer exentos e escusados de fazerem Repairar os ditos muros E que o dito meestre e sua ordem erom A ello theudos. Visto como nom prouaua sua contrariedade. e se ho meestre avia Razoões A enbargar a defenjtiua. que veesse com ellas. O qual veeo com razoões dizendo em suas Razoões antre as outras cousas que el queria fazer certo que Nos avendo certa enformaçom em como ho Repairamento dos ditos muros A Nos perteeçiam pois eram da coroa do Regno. que A Nos prazya de os Repairar Aa nossa custa e do Regno Assi como ja de feito Repairaramos e mandaramos Repairar. E esto pera sempre. Liurando do dito Repairamento o dito Meestre E sua ordem. E que nunca ja mais ho Meestre e sua ordem podessem seer demandados per Razom do dito Repairamento. E pois que el nom era theudo ja a Reipairallos nom deuya seer condanado Ao dito Repairamento Segundo mais compridamente Nas ditas razoões era contheudo das quaaes lhe os ditos vaasco fernandez (*alias* Esteves) e Joham afonso conheçerom e foi termo assignado ao dito Meestre que fizesse dello certo. E visto o feito pellos ditos vasco fernandez e Joham Affonso e o que se pello feito mostraua E Aantrelucatoria em que era pronunçiado Que ho conçelho prouaua em como o dito meestre e sua ordem nom prouauam as Razoões a que foram Reçebidos dando A defenetiua declarando o dito Conçelho de mertolla e moradores della serem esentos e escusados de fazer e Repairar os ditos muros aa sua custa. e per essa Sentença condanarom o dito Meestre e sua ordem que fizessem e Repairassem os ditos muros Aas suas despesas quando compir e mester fosse seruindo em ello os moradores da dita villa por seus jornaes se comprisse e que fosse sem custas. Visto como o dito meestre auya justa razom de sse defender: Da qual Sentença o dito

meestre per seu procurador pera nos agrauou e pagou os dinheiros na nessa chancellarya pera lbe conhecerem do agrauo Segundo se mostra pella auta (sic) do feito. E nos visto o dito feito dagrauo em Rol-laçom com os de nosso desembargo. presente o dito Mestre de ssantiago e o dito procurador do dito Conçelho de mertolla: Julgamos que o Mestre e sua ordem eram agrauados pella Sentença daquelles a que este feito foy cometido: E corregendo Assoluemos o dito Meestre e sua ordem daquelo que contra elles he pedido. Vistas as escripturas perante nos mostradas e o que sse pello feito mostra e seia sem custas Porem Mandamos A uos Juizes Corregedores e Justiças dos nossos Regnos que façades cumprir E guardar o dito nosso juizo pella guisa que per nos he julgado. honde al nom façades: Dante em A cidade de lixboa quatro dyas do mes dabril. El Rei ho mandou. per lourenço annes doutor em lex. e per gonçallo esteneez seus vassallos Anbos do sseu desembargo Rodrigo aluarez a fez. Era de mjl e iij^{ta} e quarenta e dous Annos¹.

5. Relação dos objectos que foram roubados a um duque de Bragança no sec. XVI

As armas que Roubarã os frum(ceses).

It. dous arneses de guerra e Justa e outro de ligeira com todas suas peças asy pera a pee como pera a caualo com as peças de torneio e outras mais peças neçesarias douradas e lauradas polas bordas com duas testeiras de caualo que custará nouõta escudos.

It. duas lunetas de malha garneçidas de veludo: tres escudos.

It. duas selas huã de ligeira e outra de Justa com suas bordas douradas huã dellas laurada ao çimzel sob verniz: 9.

It. duas garnicees de caualo pera estas duas selas huã de couro turquesco lauradas de preto de maginaria a. outra de damte com sua cranação do modo da sela acimziladas e ymvernizadas: 25.

It. duas duzeas de bridas hũas diferentes das outras: 12.

It. sete pares destribos invernizados e laurados ao modo da sela de ligeira e garnições oõ outras tantas esporas lauradas da mesma maneira: 7.

It. dous pares de Redees de grañ com suas cabeçadas tudo de ferro.

It. huã duzea de partexanas douradas e lauradas com seus frocos douro e seda comtos dourados e garnição de villudo: 14.

¹ Archivo Nacional, *Livro dos copos*, fl. 122 r. Este livro de registo da Ordem de S. Tiago foi composto por mandado de D. João II, datado de 1484.

It. quatro Rodelas de modona: 14 escudos.

It. huñ penacho amarelo e azul e branco com todas as plumas dobradas e lauradas douro com outro penacho pera o cavallo e huña pluma pera huñ barrete: 25 escudos.

It. huña maça dourada cõ sua portamaça de velludo e seu cordão de seda e oura e huñ estoque e huña espada darmas s. adagua e dous talabartes tudo dourado e garneçido de veludo branco com punhos de fio de prata dourados: 30 escudos.

It. huña duzea de guorras pretas e de graã e de deferentes cores: 5.

It. dous chapeos de seda: 5 escudos.

It. seis chapeos de palha muito fines: 20 escudos.

It. doze pares de copos dourados: 6 escudos.

It. de velludo pera garneçer as celladas e armas de coxões e ombreiras: 8 escudos.

Despesa que se fez com as cousas atrás

It. dous cofres forrados de linho per dentro: ... escudos.

It. duas caixas de pao e panos engerados: bij escudos.

It. de direitos em Milão se pagarão: bij escudos.

It. de trazer estas careegas de Milão a Genoua seis escudos.

It. pagou se em Genoua de direitos: bij escudos.

No verso: Enformação do que valliã as armas que forã tomadas ao Senhor duque de Bragança no maar¹.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Engenhos de pesca

(Carta ao redactor d'O Archeologo Português)

Lisboa, 9 de Maio de 1902. — No n.º 1 do vol. VII d'O Archeologo Português vem descrito, a pag. 28 — Ribeirão (Entre-Douro-e-Minho) — um engenho de pesca.

A forma feminina da palavra *açude* já a tinha ouvido na Beira Baixa, proximo da Covilhã; mas ha tanto tempo, que me seria impossivel indicar o nome da pessoa que a disse. Pareceu-me, todavia, ser forma vulgar de dicção. Demais, não é esse o assunto que me leva a tomar o tempo a V., mas o objecto da noticia que completa o que es-

¹ Maço 13 de Fragmentos, no Archivo Nacional.

creveu o Sr. Baldaque da Silva no seu livro intitulado *Estado actual das Pescas em Portugal*.

Com effeito, a pag. 320 d'esse livro, falla o Sr. Baldaque dos engenhos automaticos usados no Cávado e Neiva para a pesca fluvial, e que se não encontram em outros rios do país. Eis como os descreve aquelle autor, que acompanha a explicação com tres gravuras que representam a planta e côrtes longitudinal e transversal do aparelho:

«Nos açudes das azenhas constroem um canal de passagem denominado caneiro, onde installam uma pequena roda hydraulica com o eixo assente pelos extremos nas paredes do caneiro formada por quatro raios de ferro, tendo nas extremidades igual numero de copos de arame de forma cubica.

Em posição conveniente está collocada uma calha de madeira inclinada na qual os copos, quando passam na posição mais alta deitam o conteúdo; a calha communica com um tanque ou pia de pedra com tampa fechada a cadeado.

Soltando a agua do ramal superior, a roda adquire movimento de rotação de montante para jusante e de baixo para cima.

Os peixes que procuram subir o rio são apanhados pelo copo de arame, que os deita na calha e d'aqui escorregam para o tanque ou deposito fechado.

Quando abrem a tampa do deposito, encontram-se ainda vivos os peixes que nella caíram, porque este reservatorio contém agua até uma certa altura.

Este systema engenhoso de pesca produz grande abundancia de pescaria sem carecer de pessoal, e bem empregada é a despesa de installação do aparelho para obter um tão bom rendimento de peixe ainda vivo.

Por este processo pescam-se saveis, lampreias, trutas, bogas e outras variedades dos rios, sendo notavel a captura de tres salmões que, em 1887, fez o engenho de pesca das Azenhas Novas do rio Cávado».

Esta noticia do livro do Sr. Baldaque não traz, como se vê, indicação alguma respeitante á origem da invenção, que se completa com o que diz o *Archeologo*.

Com a mais subida consideração, etc.

JOSÉ MARIA DE MELLO DE MATTOS.

«Divina invenção foi por certo a Impressão, pela facilidade de trasladar o livro».

FR. ANTONIO ARRATZ, *Dialogos*, II, fl. 106 v, ed. de 1604.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

448. Sapardos (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade e Penedas Agudas

«Está situada em hum baixo de dous pequenos montes, a hum da parte do Nascente chamam o da Cidade e Penedas Agudas e o outro da parte do Poente o monte Colbellos». (Tomo XXXIV, fl. 641).

449. Sapataria (Estremadura)

Pedras chamadas mamarraínhas

«He o clima da Terra sadio, muy cheyo não só de Arvores fructifiras, mas de muitas silvestres abundantes de lenha e tem da parte do nascente hum monte chamado o Regodinho asim nelle como na distancia da sua roda o que podera comprehender meyo quarto de legoa se achão hñas pedras a que os naturais da terra chamão mamarraínhas a sua figura he da forma de huma bolota outras mais pequeninas tendo so a differença de acabarem de hua banda em bico, dizem estas Pedras são chamadas Iudaicas por virem da Iudea e tem o prestimo de moidas, os seus pos bebidos servirem para a dor de pedra. Das dictas se achão em abundancia no tal sitio». (Tomo XXXIV, fl. 648).

450. Seda (Alentejo)

Castello de Arminho. — Etymologia popular

«Chamase esta povoação a villa da Seda, o seu nome antigo foi Arminho; e he tradição antiga que estando o seu Castello flôbem chamado Arminho em poder dos Mouros e combatendo-o os nossos Portuguezes com todo o valor e defendendose os mouros com o mesmo depois de grande porfia, o Capitão dos nossos lhe mandou dizer que se persistião na resistencia e elle venesse tudo passaria a espada; e tendo o que levou o recado negociado o fim para que fora, subio ao muro, e disse em vox alta para os de fora vão he necessario combater, mais a fortaleza porque já se dá; e desta palavra pronunciando o a breve, e com brandura he que teve origem o chamar-se esta villa Seda; e asim o testifica e refere o Doutor Antonio Gonçalves de Novaes na relação que dá das couzas deste Bispado de Elvas no fim da constituição delle». (Tomo XXXIV, fl. 761).

«(Ermida) da Senhora dos Prazeres em distancia de duas Legoas, onde chamão Alparração, no qual sitio houve antiguamente hum Castello, ou Villa que foi destruida em tempo dos Romanos e as que das

suas mãos escaparão vierão fundar a povoação que hoje se chama Seda, refereo assim o citado Novaes». (Tomo XXXIV, fl. 766).

«Esta ribeira de Seda chamouse antiguamente Arminha d'as Novaes, citado por ter seu principio na Serra da Aramenha perto de Portalegre, onde foi aquella antiga cidade de Medobriga¹». (Tomo XXXIV, fl. 772).

451. Segadães (Beira)

Cidade da Vaca

«Paga vassalagem (o rio Vouga) a villa de Vouga de que tomou o nome porque em alguns tempos antigos dos Godes e Romanos foi povoação populosa e se chamava a cidade da Vaca² de que fazem menção alguns livros antigos e ha tradição que chegavão os navios que entravão pela Barra de Aveiro e vinhão ancorar junto a dita cidade, mas na Expugnação dos Mouros ficou destruhida e assolada como mostrão ainda os seus vestigios antigos; mas agora he villa de pouco povo como deporá o seu R.^{do} Parocho». (Tomo XXXIV, fl. 784).

452. Seixal (Estremadura)

Inscrição

«Em o portal de humas cazas da Rua direyta deste lugar se acha aberto hum Letreyro que dis assim

VILLA NOVA DO SEYXAL.

o qual he tradição certa o mandara abrir El Rey o Senhor Dom Afonso Sexto vindo de Azeytão de huma função de Touros, e não achando em Coyna embarque prompto por falta de maré vindo a este Porto que sempre o permite, a tempo que se fazião as ditas cascas lhe mandou abrir o dito Letreyro e privilegio em premio de prompto embarque de que seos moradores nunca gozarão, porque ainda hoje he lugar e não villa». (Tomo XXXIV, fl. 831).

453. Seixas (Beira)

Penhasco de seixos

«Tem mais esta terra o Cabeço, que chamão de São Martinho donde está hũa Capella do mesmo Santo advogado das Cezoens, coa-

¹ Sobre Medobriga e Aramenha vid. Borges de Figueiredo, *Revista Archeologica*, IV, 62 e segg. Não me parece que em Casal de Ermio, concelho de Lousã, se encontre *Hermínio*; julgo antes ser o nome proprio *Ermigio*.

² Cfr. *Oppida retilista*, por Borges de Figueiredo, no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, V, 374.

tunão os devotos levar-lhe duas telhas para que lhe leve as Cezoens, e o pé desta capella está hum penhasco de seyxos que parece hum Castello, e só por hũa parte se pode lá subir que he por feytio de hũa escada, e no cimo tem hũa planicie donde podem estar mais de trezentas pessoas, e para a parte do poente tem hũa grande distancia de altura, que fás horroroso olhar para bayxo. Do cimo deste penhasco se descobre muitas terras de Castella e Portugal.» (Tomo xxxiv, fl. 842).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Vidros romanos de Beja

Existem no Museu Ethnologico os dois seguintes objectos de vidro, que supponho romanos, achados em Beja, proximo da estação dos caminhos de ferro, onde tem apparecido varios restos d'aquella epoca.



N.º 1



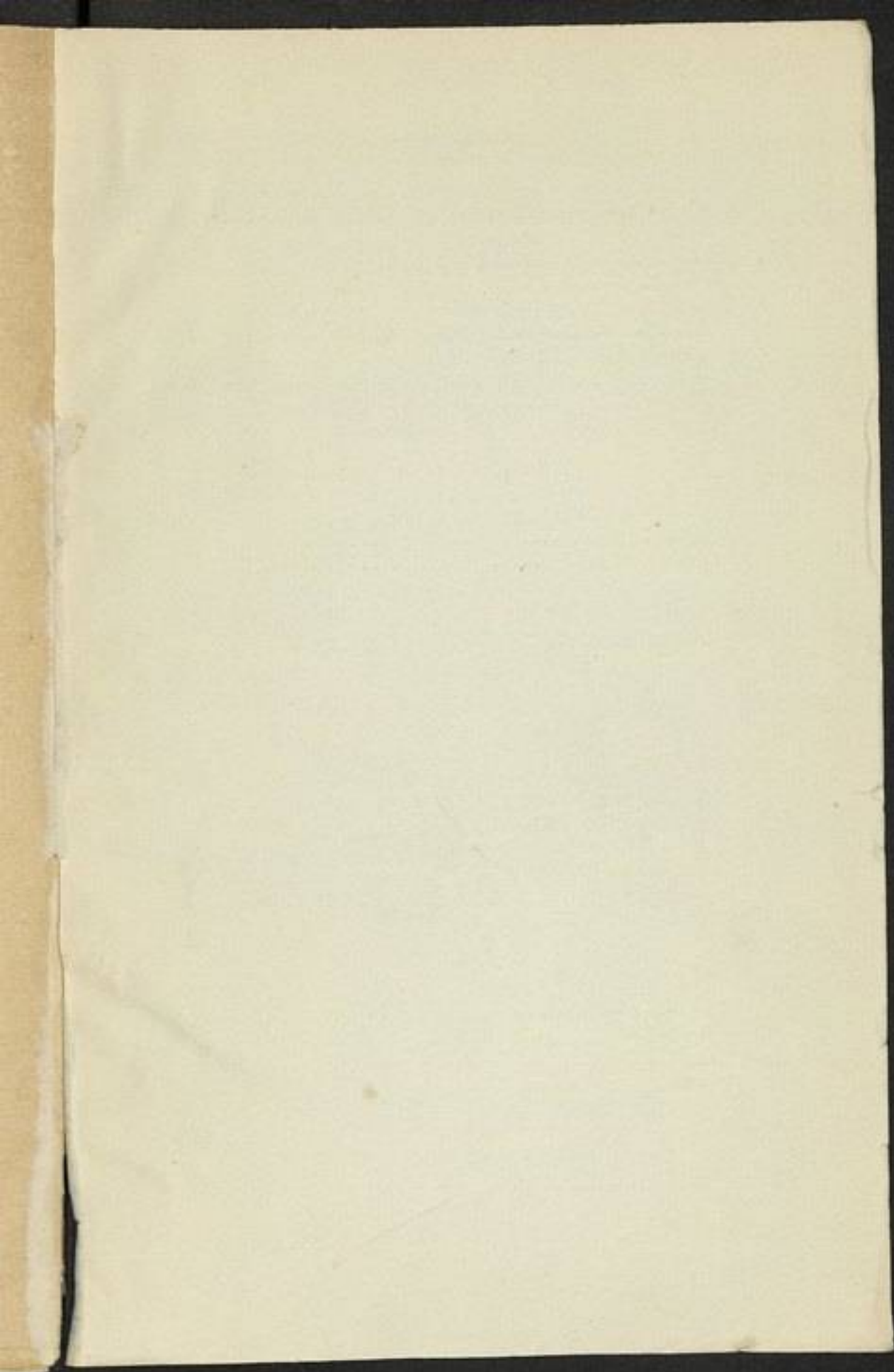
N.º 2

O n.º 1 representa em tamanho natural um fragmento de vaso de vidro branco ornamentado; a ornamentação occupava o bojo, na parte exterior d'este.

O n.º 2 representa uma conta azul, com vestígios de estrias.

O vidro nos dois objectos acha-se um pouco decomposto.

J. L. DE V.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	15500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, MUSEU ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.